

Pedro Paulo de Melo Saraiva:

arquitetura moderna e edifício público em Brasília, 1960-2010

Ugo Andreatta Galimberti,
André Augusto de Almeida Alves*

Resumo Recorrentemente abordada pelo seu pragmatismo e pela filiação de suas estruturas à Escola Paulista Brutalista, a arquitetura de Pedro Paulo de Melo Saraiva (1933-2016) constitui contribuição ampla, original e significativa à arquitetura moderna brasileira. Situando-a no entrecruzamento entre arquitetura moderna, Estado, Brasília e projeto, o artigo analisa três prédios projetados pelo arquiteto em três momentos da vida brasileira e brasiliense: o edifício-sede da CNI (1962), a Escola de Administração Fazendária (1973) e o edifício-sede do Confea (1999). Assim considerados enquanto signos da sociedade brasileira e de seu processo de modernização no segundo pós-guerra, tais projetos revelam atributos de que Brasília e a metrópole contemporânea mais necessitam: representar aquilo que é público e democrático.

Palavras-chave: Pedro Paulo de Melo Saraiva, Brasília, arquitetura moderna.

Pedro Paulo de Melo Saraiva: Arquitectura Moderna y Edificio Publico en Brasília, 1960 - 2010

Resumen Abordada recurrentemente por su pragmatismo y la afiliación de sus estructuras a la Escola Paulista Brutalista, la arquitectura de Pedro Paulo de Melo Saraiva (1933-2016) constituye una contribución amplia, original y significativa a la arquitectura moderna brasileña. Situado en la encrucijada entre la arquitectura moderna, Estado, Brasilia y diseño, el artículo analiza tres edificios proyectados por el arquitecto en tres momentos de la vida brasileña y brasiliense: la sede del CNI (1962), la Escuela de Administracion de Fincas (1973) y la sede de Confea (1999). Así considerados como signos de la sociedad brasileña y de su proceso de modernización en la segunda posguerra, tales proyectos revelan atributos que Brasília y las metrópolis contemporáneas más necesitan: representar lo público y democrático.

Palabras clave: Pedro Paulo de Melo Saraiva, Brasília, arquitectura moderna.

Pedro Paulo de Melo Saraiva: Modern Architecture and Public Buildings in Brasília, 1960 - 2010

Abstract Recurrently tackled by its pragmatism and by the affiliation of its structures with Escola Paulista Brutalista, Pedro Paulo de Melo Saraiva's (1933-2016) architecture contributes broadly, originally, and significantly to Brazilian modern architecture. Situated between the crisscross of modern architecture, State, Brasília and design, the article analyses three buildings designed by the architect in three different moments of Brazilian and brasiliense's life: the CNI headquarters (1962), the Federal Treasury Administration School (1973) and Confea's headquarters (1999). Thus, considered whilst signs of the Brazilian society and its modernization process in the second post-war period, these projects reveal attributes most needed in Brasília and the contemporary metropolis: to represent that which is public and democratic.

Keywords: Pedro Paulo de Melo Saraiva, Brasília, modern architecture.

Desde a menção na Constituição Republicana de 1891 e na Constituição de 1946, sua inauguração em 1960, e desenvolvimento nas décadas ulteriores, Brasília desperta olhares poéticos como o de André Malraux, em “Brasília, capital da esperança” (1959), bem como críticas do ponto de vista da teoria arquitetônica e urbanística e de sua relação com a realidade social brasileira (SANTOS, 2012; CORBISIER, 2012). Revela-se produto da modernização arquitetônica e social brasileira, ao mesmo tempo em que a reverbera, desde o projeto até os dias atuais.

A geração de arquitetos formados na década de 1950 participa intensamente deste processo. A trajetória de Pedro Paulo de Melo Saraiva, arquiteto formado pela Universidade Mackenzie em 1955, liga-se à de Brasília desde sua participação no concurso para o Plano Piloto, passa pela docência e atuação no Centro de Planejamento (CEPLAN) da Universidade de Brasília (UnB), e culmina em projetos elaborados em diferentes circunstâncias e momentos históricos até a primeira década de 2000 na capital federal. A contribuição de Saraiva para sua consolidação foi oficialmente reconhecida pelo IAB no evento “Memória do Arquiteto de Brasília” (1999). A obra de Saraiva em Brasília desvela, numa via de mão dupla entre arquitetura e contexto, sintonia com o caráter conciliador da modernização e da arquitetura moderna brasileira.

O presente artigo se debruça sobre a arquitetura pública concebida por um arquiteto moderno brasileiro importante em um sítio privilegiado. Parte de leituras sobre a relação entre Arquitetura Moderna, Estado, Brasília e o arquiteto para chegar aos projetos em tela, que são considerados do ponto de vista do projeto, eixo condutor do trabalho.

Scully Jr. (2002), Frampton (1997) e Curtis (2008) qualificam como relevante a relação entre arquitetura e Estado na constituição e desenvolvimento da arquitetura moderna, em especial por governos ocidentais de anseios sociais-democráticos, que aproximam arquitetura pública e arquitetura corporativa (ROBINSON *et al*, 2003).

Ao lado de experiências como as da Nova Tradição, do *International Style* e da emigração de profissionais europeus por ocasião da guerra, a atuação da *General Services Administration* (GSA) (1949) nos Estados Unidos é relevante por organizar um programa para construção e gerenciamento de edifícios públicos em escala nacional, atualizando sua estética, fomentando tecnologias e cadeias produtivas, consagrando o espírito do desenvolvimento econômico do pós-guerra e promovendo o Estado e suas corporações (FRAMPTON, 1997, p.266-7). Reforçando diretrizes que prescreviam a adoção da arquitetura moderna, em 1962 o presidente John F. Kennedy emite documento que estimula a construção de edifícios públicos “atualizados” independentemente de se tornarem mais caros (ROBINSON *et al*, 2003). Esta iniciativa resulta em mais de 700 edifícios federais até 1976, a que se denomina *Federal Modernism*. Esta experiência não deixa de revelar paralelos com o caso brasileiro: para além da Brasília de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, que representa o Estado e seu papel no desenvolvimento nacional, sua arquitetura representativa (ROSSETTI, 2012) dialoga com a arquitetura corporativa e verticalizada do caso norte-americano.

* Ugo Andreata Galimberti é Arquiteto e Urbanista, Doutorando pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo UEM/UEL (2019) da Universidade Estadual de Maringá, ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-1889-5941>>. André Augusto de Almeida Alves é Arquiteto e Urbanista, Professor da Universidade Estadual de Maringá, ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-7953-9372>>.

As perspectivas críticas em Katinsky e Xavier (2012) sobre a Nova Capital desde sua concepção no período democrático, desenvolvimento durante a ditadura, consolidação pós redemocratização e reconhecimento como Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO, cobrem cada período em que Saraiva atua na cidade. Rossetti (2012), por sua vez, ao rever e categorizar os edifícios da Nova Capital com base em aspectos simbólicos e relativos ao uso – arquitetura provisória, monumental, representativa, residencial e do cotidiano –, fornece subsídios para a leitura dos edifícios selecionados.

Sobre Pedro Paulo, a intensiva participação em concursos públicos e privados de projeto por meio de parcerias e equipes multidisciplinares, a atuação no ensino de arquitetura ao lado de arquitetos como Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha, e a inserção no debate arquitetônico o tornam figura importante para a historiografia da arquitetura moderna brasileira. A despeito disso, a literatura sobre Saraiva limita-se a certa tendência de inserir o arquiteto na Escola Paulista Brutalista, destacando suas parcerias e sua maneira de conceber estruturas: Mendonça (2006) categoriza as estruturas de Saraiva em grupos, referentes ao edifício monobloco, à viga de transição, ao pórtico de concreto, à edificação em quatro apoios e à treliça de concreto; Vasconcellos (2012, p.68), por sua vez, localiza na continuidade de um pensamento estético-estrutural a característica de experimentação tecnológica de Saraiva. Estas abordagens não são alheias à ligação entre arquitetura e ofício observada por Espallargas Gimenez (2016), que destaca a objetividade de seus memoriais em contraponto à eloquência e subjetividade dos discursos correntes em meio a arquitetos consagrados.

No momento de afluência desenvolvimentista na passagem para a década de 1960, Pedro Paulo de Melo Saraiva participa do concurso de Brasília. Efetiva projeto neste sítio emblemático já em 1962, bem como durante a ditadura civil-militar e após a redemocratização, enfrentando questões de modernidade e contemporaneidade com equipes diversas e multidisciplinares, culminando no desafio de se propor, na virada do milênio, uma arquitetura para uma cidade tão marcadamente modernista¹. Nesse percurso, Pedro Paulo de Melo Saraiva se aproxima do eixo monumental, visita as áreas suburbanas e tangencia as superquadras, desenvolvendo seu método e arquitetura nas interfaces com Brasília e a arquitetura brasileira.

Neste quadro, o artigo estuda a arquitetura de Pedro Paulo de Melo Saraiva no Edifício Sede da Confederação Nacional da Indústria (CNI) (1962), na Escola de Administração Fazendária (ESAF) (1973), e no Edifício Sede do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (CONFEA) (1999) em suas inter-relações com a experiência de Brasília e da arquitetura moderna brasileira que ela polariza. A pesquisa é estruturada em dois eixos de análise, sendo o transversal a exploração de cada projeto em seu contexto social, político, arquitetônico e tecnológico específico, e o “longitudinal” o método do arquiteto, as permanências, transformações e conciliações observadas durante os três momentos e projetos efetivados. Para estas análises, são adotados documentos e desenhos publicados e em acervo, assim como visita de campo e remodelagem 3D.

O Edifício Sede da Confederação Nacional da Indústria

Os primeiros anos de atuação profissional de Pedro Paulo de Melo Saraiva são marcados por intensa atividade construtiva. Neste período, os concursos oportunizam a afirmação da profissão de arquiteto, o desenvolvimento da arquitetura moderna brasileira e a

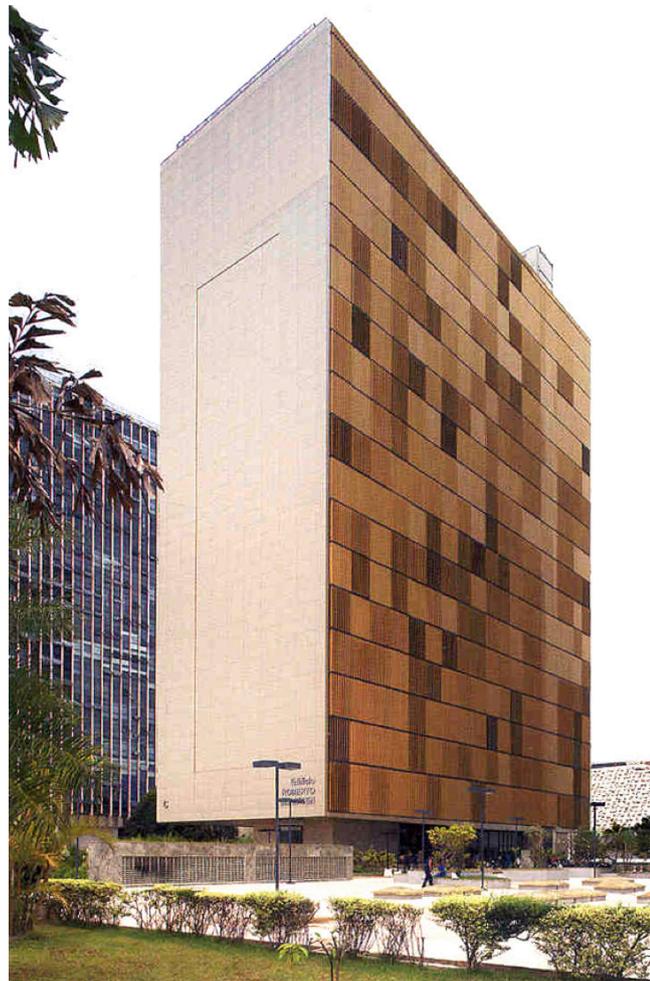
¹ Dificuldade postulada por Rossetti (2012) em epílogo de seu livro “Arquiteturas de Brasília”.

ascensão profissional da geração de Saraiva. Recém-graduado, participa do concurso para o Plano Piloto da Nova Capital (1956) com Júlio José Franco Neves, Rubens Paiva, Carlos Kerr Anders, José Maria Gandolfi, Luiz Forte Neto, Maurício Tuck Schneider, Arthur de Moraes Cesar; para a Assembleia Legislativa de Santa Catarina (1957) com Paulo Mendes da Rocha e Alfredo Paesani; para o Clube Athletico Paulistano (1958) com Julio Neves e Roberto Zuccolo, e para o Edifício 5ª Avenida (1958), com Miguel Juliano e Roberto Zuccolo (VASCONCELLOS, 2012).

Entre nós, nos anos 50, Rino Levi defendia a tese de que num concurso se escolhe o arquiteto, e não o projeto. A verdade é que naquela época Rino Levi já era um arquiteto consagrado! Nós, jovens arquitetos, víamos nos concursos uma forma de afirmação e desta prática alguns de nós surgimos do anonimato. (SARAIVA in ALVIM; ABASCAL; ABRUNHOSA, 2017, p. 303)

A participação nestes concursos, muitas vezes vitoriosa, além de assinalar a precoce ascensão profissional do jovem arquiteto, representa o momento histórico então vivido pelo país, de desenvolvimentismo, modernização, urbanização e industrialização. Seja pela multiplicidade de programas corporativos e contratações públicas e privadas, seja

Figura 1: Edifício Sede do Confea. Fonte: Arquivo PPMS.



pela disseminação da arquitetura moderna em diferentes estados, pela diversificação de equipes e soluções projetuais propostas, eis um retrato fiel do ambiente e debate arquitetônico paulista da passagem da década de 1950 para a de 1960. O mesmo pode se dizer do concurso e da construção de Brasília, bem como da atividade construtiva por ela vivenciada nos primeiros anos, marcada tanto pelas obras do Eixo Monumental de Costa e Niemeyer, quanto pela diversificada arquitetura representativa a ele adjacente.

Em 1962, ao lado de Paulo Mendes da Rocha, Saraiva é convidado para lecionar na FAUUSP por Artigas, que vê no edifício Pedra Grande (1962) “uma grande contribuição à arquitetura” (SERAPIÃO, 2005, p.94); pouco antes, Saraiva havia contribuído na idealização do Corredor das Humanas ao projetar o prédio do Departamento de Geologia, Mineralogia, Petrologia e Paleontologia da USP (1961-1962), e na sequência iniciaria a sua contribuição efetiva para a Nova Capital brasileira com o projeto para a Confederação Nacional da Indústria.

O Edifício Sede da Confederação Nacional da Indústria (CNI) (1962), projetado por Pedro Paulo de Melo Saraiva e Paulo Mendes da Rocha, com projeto estrutural do engenheiro Roberto Zuccolo, marca o retorno de Pedro Paulo ao universo brasiliense após o concurso do Plano Piloto. Localizado no Setor Bancário Norte, o Edifício Sede da CNI se ergue próximo aos Ministérios, junto ao Teatro Nacional ainda em construção. Brasília, naquele momento, apresentava as marcas do embate entre programa desenvolvimentista ambicioso e cronograma restrito, entre tecnologia moderna e sua aplicação no isolamento do Planalto Central. Edifícios administrativos situados nos Setores Bancários Norte e Sul, muitas vezes objetos de concursos de arquitetura com autoria de profissionais radicados em diferentes regiões do país, ou que para Brasília se mudaram em busca de oportunidades de trabalho, construíam coletivamente uma manifestação de arquiteturas modernas altamente representativas à cidade.

O Edifício Sede da CNI dialoga com o contexto inaugural brasiliense e as experiências anteriores da equipe que o projeta, resultando em um edifício laminar, democrático em planta e volume, desenvolvimentista na tecnologia e no esqueleto em concreto armado protendido, e fluido na dialética entre a cidade real e a cidade monumental. A primeira relação estabelecida com o entorno propunha independência volumétrica em lote, com baixo índice de ocupação territorial, acompanhado de jardim sobre laje com acesso livre para a apropriação; de maneira distinta do intermédio entre os Ministérios da esplanada, o estacionamento da Sede da CNI é subterrâneo e o rés do chão possibilitava a passagem de pedestres até mesmo por baixo da projeção da torre. Tal permeabilidade hoje já é restrita, mas ainda se distingue do cenário construído vicinal.

A equipe de projetistas remonta a época do Mackenzie, onde Zuccolo lecionava, e desvela pesquisa arquitetônica continuada desde o concurso para a Assembleia Legislativa de Santa Catarina (1957), do qual participaram em conjunto. Estes projetos, e mesmo o Edifício 5ª Avenida (1958), denotam o arquétipo do Ministério de Educação e Saúde a permear o pensamento arquitetônico corrente, assim como reverbera o *zeitgeist* americano e a arquitetura corporativa.

A protensão, característica do trabalho de Roberto Zuccolo neste período, viabiliza a concepção de projetos verticalizados por parte de Saraiva e Paulo Mendes.

A torre laminar sobre pilotis, com *brise-soleil*, massificação de apoios estruturais e emprego de grandes vãos é aperfeiçoada em termos de conceito e execução nesta trajetória.

Em detalhe, a estrutura do Edifício Sede da CNI é lançada em 8 pilares ao redor das quatro prumadas de circulação vertical, amarrados horizontalmente por vigas protendidas com balanços longitudinais de 7,5 metros, e transversais de 4,5 metros, efetivando reduzida interrupção em planta para disposição de escritórios. As fachadas envidraçadas, à leste e oeste, recebem *brises* cujos protótipos horizontais, alongados, fixos e de dimensões avantajadas foram produzidos industrialmente: verticais, como demanda a orientação geográfica, menores e móveis.

A proposta do Edifício Sede da CNI estabelece relação no contexto brasiliense, entre outros, com os Edifícios Ministeriais (1960), com o Palácio do Desenvolvimento (1960) de Oscar Niemeyer, e com o Banco Regional de Brasília (BRB) (1965) do escritório MMM Roberto.

No caso dos Ministérios, a arquitetura estatal de caráter corporativo se materializa com estruturas metálicas importadas dos Estados Unidos, com maior número de pilares por metro quadrado, e sanitários e circulação dispostos de maneira modular entre os eixos perpendiculares (WEDDIGEN, 2013). Por mais que seus esqueletos estruturais exprimissem avanço tecnológico e urgência, a identificação das peças dos diferentes edifícios se arreveza na operação de transporte e descarregamento das peças em Brasília, o que prejudica a otimização da montagem das estruturas, revelando contradição entre tecnologias e técnicas modernas e um canteiro de obras arcaico (GERKEN, 2003, p.121).

Tal contradição também é visível no convívio, após a inauguração da capital, da profusão de formas dos palácios projetados por Niemeyer com o controle estético exercido pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), que abarca a atuação participativa e deliberativa deste arquiteto (ESPALLARGAS GIMENEZ, 2016, p.104).

No caso da CNI, o afastamento de 1,50m dos *brises* aperfeiçoou as proporções do volume e das empenas à norte e sul, mas fez o perímetro do edifício extrapolar os parâmetros estabelecidos pela Novacap, o que demandou aprovação especial do projeto e marcou um contato de Saraiva com Oscar Niemeyer rememorado em diversas ocasiões:

Conheci Oscar Niemeyer em outubro de 1956. Ele era o arquiteto da Nova Cap (Cia. Organizadora da Nova Capital) e consultor do concurso para o Plano Piloto de Brasília. Eu era recém-formado e competia no certame. Ele me recebeu com a maior boa vontade e 'compreensão'. Anos depois, em 1962, fui com Paulo Mendes da Rocha defender nosso projeto da CNI (Confederação Nacional da Indústria, Brasília), pois era Oscar quem daria a última palavra. Havíamos aumentado 1,5 m em cada face da edificação, pois achávamos que em Brasília era indispensável o uso de brise soleil. Mal viu nosso projeto, disse: "Eu também queria dotar os ministérios de brises", como a se justificar. (SARAIVA, 2012)

No contexto imediato ao edifício de Saraiva e Mendes da Rocha, se avizinha à leste o Palácio do Desenvolvimento, atual Edifício Sede do INCRA, projeto de Oscar

Niemeyer. Nele, o térreo é liberado sob quatro pilotis massificados e uma expoente viga de transição; assim, os pilares dos pavimentos-tipo, metálicos, se distribuem perimetralmente, possibilitando o seu uso sem interrupções (FICHER *et al*, 2010, p.113). A obra foi finalizada apenas em 1973, mas conta com uma mescla de sistemas estruturais que se distancia da arquitetura consagrada de Niemeyer em Brasília. Em comum com o Edifício Sede da CNI, tem-se o partido estrutural a serviço da planta livre do pavimento-tipo, e que marca plasticamente o edifício.

Por fim, de maneira análoga aos edifícios citados, o BRB também utiliza pilares massificados e viga de transição como passagem do térreo semiaberto até a torre. Laminar como os demais, o edifício conta com quebra-sóis metálicos. Destes edifícios, é notável a adoção de concepções estruturais dissemelhantes, porém com finalidades congêneres.

A arquitetura corporativa das duas primeiras décadas de Brasília foi dominada por autarquias e empresas públicas, tais como as celebradas sedes do Banco do Brasil (Ary Garcia Roza, 1959–1962) e do Banco de Brasília (MMM Roberto, 1965). Ambos [...] [em] lâmina vertical sobre pilotis, térreo e sobreloja recuados do plano da fachada e afetando relativa transparência, pavimentos-tipo envidraçados com quebra-sóis ajustáveis e empenas cegas, e coroamento opaco. (PEIXOTO; PALAZZO, 2013, p.8)

Esta convergência volumétrica das grandes autarquias e empresas públicas citadas por Peixoto e Palazzo (2013), sobretudo nos Setores Bancários Norte e Sul, pode, por fim, ser notada nos volumes de escada enclausurados complementares às torres originais, executados frente à publicação da NB 208 de 1974, que regulamentou as saídas de emergência de edifícios altos com vistas à prevenção de incêndio, decorrente da tragédia sucedida em seu ano de publicação no Edifício Joelma, em São Paulo (ALVES, 2005, p.131).

A Escola de Administração Fazendária

Pouco mais de uma década depois, Pedro Paulo de Melo Saraiva participa de concurso promovido pelo Ministério da Fazenda para a Escola de Administração Fazendária (ESAF) (1973), em Brasília. O projeto, que alcançou o primeiro prêmio do certame, foi elaborado com participação de equipe múltipla: Mayumi de Souza Lima, Sergio Ficher, Henrique Cambiaghi Filho, Sidney Meleiros Rodrigues, Bruno Padovano, Marta Dora Huck, Eleonora Slingman e Vera Ilce da Cruz (MENDONÇA, 2006, p.39).

Este retorno à Nova Capital, agora em consolidação, traz como pano de fundo para a atuação de Saraiva durante a ditadura civil-militar e o esmaecimento de ideais democráticos outrora tão relevantes para o pensamento sobre a arquitetura e a cidade brasileira. Alguns dos desdobramentos mais diretamente relacionados com a polarização política deste momento dizem respeito ao Aeroporto de Brasília, de Oscar Niemeyer, e aos edifícios e esforços de pesquisa tecnológica e de planejamento do campus da Universidade de Brasília (UnB).

No primeiro caso, Oscar Niemeyer registra um aviso de prisão transmitido a ele por representantes do Estado-Maior, quando os projetos do Aeroporto e do Memorial JK são interrompidos, por transgressões como uma suposta alusão ao símbolo da foice e



Figura 2: Escola de Administração Fazendária. Fonte: Arquivo PPMS.

do martelo. Segundo Oscar, apesar de sua participação em projetos do Ministério do Exército, este período não deixou de apresentar dificuldades (NIEMEYER *in* KATINSKY, 1991, p.48).

Já na UnB, as intervenções dos militares na organização institucional afetaram diretamente o trabalho de Saraiva. O arquiteto se torna professor titular e coordenador do CEPLAN (Centro de Planejamento) da Universidade no lugar de João Filgueiras Lima (Lelé), no final da década de 1960. Nestas funções, Saraiva participa de debates sobre o Plano Urbanístico da universidade e projeta, em 1969, um edifício para seu Centro de Vivências, cujo sistema tecnológico-estrutural e até mesmo a implantação do edifício se tornam alvos de intercorrências com os militares (ESPALLARGAS GIMENEZ, 2016, p.41).

Num cenário expandido, o centro de pesquisas de pré-fabricação idealizado por Oscar Niemeyer possuía como objetivo o desenvolvimento de tecnologias de produção em massa para atendimento das demandas construtivas próprias do campus da UnB, com vistas para a expansão de atividades e atendimento de demandas futuras de edifícios públicos e da população brasileira (CAVALCANTE, 2015, p. 180). Para além destas pretensões assumidas pela gestão de Lelé e Pedro Paulo, o próprio Centro de Vivências apresenta consonância aos esforços de desenvolvimento tecnológico, ao empregar estruturas pré-fabricadas em sua concepção.

Entretanto, tais ideias se tornam antagônicas à atuação de instituições como o Banco Nacional de Habitação (BNH) cujo presidente Rubens Vaz da Costa registra preferência por metodologias tradicionais de construção visando a conservação de empregos de baixa qualificação, “baluarte do emprego em nosso país” (COSTA *in* CAVALCANTE, 2015, p.181).

O BNH não queria a pré-moldagem, era programático, porque a construção civil tradicional era absorvedora de mão de obra: se colocássemos a pré-moldagem aqui no Brasil, se criaria um problema social. A pré-moldagem era malvista pelas instituições federais, era coisa de esquerdista, de comunista. (GALBINSKY in CAVALCANTE, 2015, p.467)

Em relação ao Centro de Vivências no campus da Universidade de Brasília, caracterizado pela sua localização central e seu caráter de uso múltiplo, que ampara o debate e a troca de experiências entre alunos e professores e almeja a democratização do espaço de ensino público, a objeção de parte do quadro de dirigentes da UnB (na maioria militares) derivava da conhecida aversão destes a aglomerações estudantis e do medo de ali se focalizarem protestos e rebeldia (ZIMBRES in CAVALCANTE, 2015, p.186).

Embora significativa, a interferência dos militares na produção dos espaços da UnB não foi a única: o projeto do “Corredor de Humanas” da Universidade de São Paulo, idealizado por Vilanova Artigas, também foi interrompido. Este, postulava a construção de edifícios para os departamentos da Faculdade de Filosofia, Letras Ciências Humanas e organizados por uma rua de pedestres que continha espaços abertos de reunião, numa tentativa de aproximar as escalas da arquitetura, do entorno e do debate de ideias para o ambiente acadêmico (GOMES, 2017). O plano contava com a participação de arquitetos como Paulo Mendes da Rocha, Carlos Milan, Eduardo Corona, Joaquim Guedes, Carlos Cascaldi e o próprio Pedro Paulo de Melo Saraiva, que foi professor assistente na instituição em 1962 (MENDONÇA, 2006, p.28-9). Desta experiência, dois edifícios foram construídos: a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP) e o Edifício Eurípedes Simões de Paula, para os departamentos de História e Geografia. Saraiva ficou à cargo da elaboração do edifício do departamento de Geologia, Mineralogia, Petrologia e Paleontologia, cuja concretização foi interrompida pelo Golpe Militar, mesmo tendo grande parte dos projetos já concluídos (GOMES, 2017).

Considerada a bagagem acumulada por Saraiva junto às instituições públicas de ensino superior de São Paulo e Brasília, o projeto para a Escola de Administração Fazendária é elaborado e endereçado para este mesmo Estado interventor. Com isso, arquiteto e equipe buscam conciliação entre programas institucionais abertos e restritos, entre pesquisa estrutural e técnicas tradicionais de construção, e entre integração de edifícios em campus e formação de uma unidade conjugada.

No projeto da ESAF, denotada hoje como “maior complexo educacional da Administração Pública Brasileira” e cuja função é de realizar treinamento e recrutamento de servidores voltados à gestão das finanças públicas², o distanciamento ideológico de uma instituição pública e aberta como a UnB passa de simbólico para a dimensão do projeto: o complexo de edifícios é cercado em lote único, isolado de seu entorno, mas internamente conjugado em *campus* de escalas e acessos acomodados ao pedestre.

O complexo tem como peça central um edifício de 32.000m² sob cobertura em monobloco, que apesar de exprimir unidade, cria ambientes intermitentes entre construções de um ou mais pavimentos, pátios, circulações e jardins, proporcionando microclima acolhedor aos diferentes usos: ao corredor sul, por exemplo, é atribuído pátio com maior suporte a permanência, blocos com salas menores e mezanino, e mobiliário que sustenta com maior êxito a sua função administrativa. Além desta variante e dos conjuntos convencionais de salas de aula, a Prefeitura e o Auditório se

² Descrição própria, site da ESAF. Disponível em: <<http://www.esaf.fazenda.gov.br/institucional/Esaf-sede>>. Acesso em: abr. 2018.

deslocam verticalmente para atingir pronunciamento visual, no primeiro caso, e no segundo para acomodar plateia em ambiente de maior pé-direito.

Além destas funções presentes na cobertura unificada, hierarquia e programa institucional são contrabalanceados com os edifícios externos, que se interligam por malha de passeios desimpedidos ao pedestre, a exemplo do restaurante locado a oeste do bloco principal, e das quadras esportivas a norte.

Apesar da dimensão da ESAF, estacionamento e circulação de veículos receberam tratamento cuidadoso para não obstruírem as demais funções e a circulação de professores, funcionários e alunos: há suporte para transposição do edifício via automóveis por meio de rua rebaixada, por exemplo. Cabe, aqui, apontar uma divergência à própria escala urbanística de Brasília, cujas opções frente às tipologias de mobilidade são marcadamente invertidas, muito em decorrência de decisões tomadas na definição do modelo de industrialização brasileiro, que se mantém nos anos em tela.

Os elementos supracitados marcam o projeto da ESAF desde sua concepção, vide o croqui de participação no concurso. Porém, para a viabilização desta mesma ideia, são realizadas algumas revisões na estruturação periférica da cobertura principal, como a alteração dos pórticos arquejados a leste e a oeste. Outrora angulares, os pórticos foram executados perpendicularmente ao chão, adaptação necessária para que se mantivesse a intermitência de vãos na ordem de 30 metros.

Figura 3: Croqui de implantação da Escola de Administração Fazendária. Fonte: Arquivo PPMS.

Figura 4: Detalhamento de pórticos da ESAF. Fonte: Arquivo PPMS.

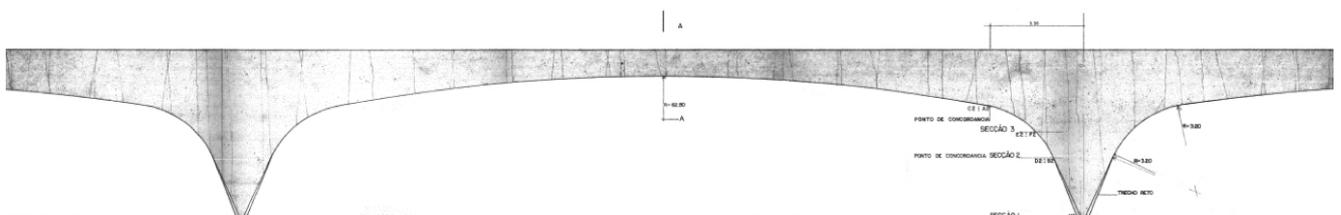
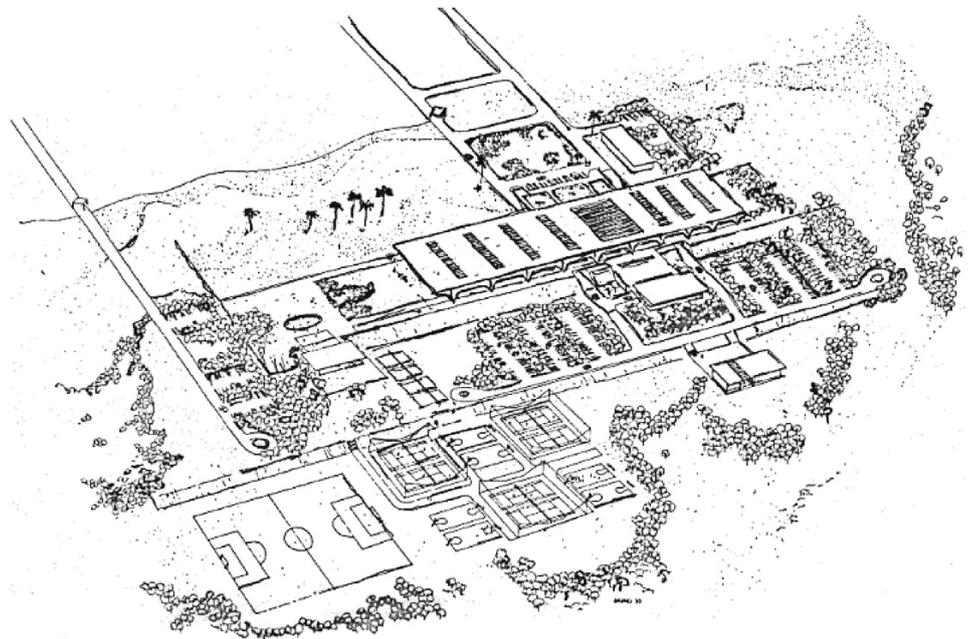




Figura 5: Laje nervurada e pérgulas no jardim entre blocos. Fonte: Acervo dos autores.

Inalterada neste conjunto de estruturas, a laje nervurada continua modular, aparente e periodicamente transmutada em pérgula, reclamando o protagonismo do agrupamento arquitetônico ao fortalecer um *continuum* edificado livre de interrupções. Este feito foi alcançado por meio da união entre tecnologias de construção (pórtico, laje, viga-calha), dimensionamento escultural do concreto, e artifícios como o próprio disfarce de apoios centrais da cobertura, planejados de maneira conjugada aos blocos internos de sua extensão.

Esta arquitetura, dados os elementos principais de sua efetivação, possui como referência pesquisas correntes de Saraiva que vão além dos seus projetos institucionais da UnB e FAU-USP. Destes, porém, observa-se com destaque o Centro de Vivências: a implantação de edifício de programa diversificado à serviço de um campus; a permeabilidade entre interior e exterior; a efetivação de microclima sob prisma em estrutura monobloco, e a atenção às pesquisas tecnológicas vigentes, em que pese a viabilização da ESAF ter dependido do uso de tecnologia tradicional.

A estrutura em monobloco é observada por Mendonça (2006) como uma das categorias estruturais recorrentes na obra de Saraiva; até alcançar o resultado consagrado em Brasília, esteve presente em projetos como a proposta para o concurso do Clube Atlético Paulistano (1958), em que se sagrou segundo colocado, e a proposta vencedora para o concurso do Esporte Clube Pinheiros (1972), não construída.

Em consonância com o sítio brasiliense, os clubes propiciavam ensaios de composição multifuncional em áreas amplas, cujas coberturas constituíam prismas retangulares emoldurados por pórticos. Conferiam unidade aos edifícios principais, ao mesmo tempo em que tornavam a localização de salas e passarelas nos seus interiores flexível, de maneira marcadamente relacionada às propostas do Centro de Vivências e da construída ESAF.

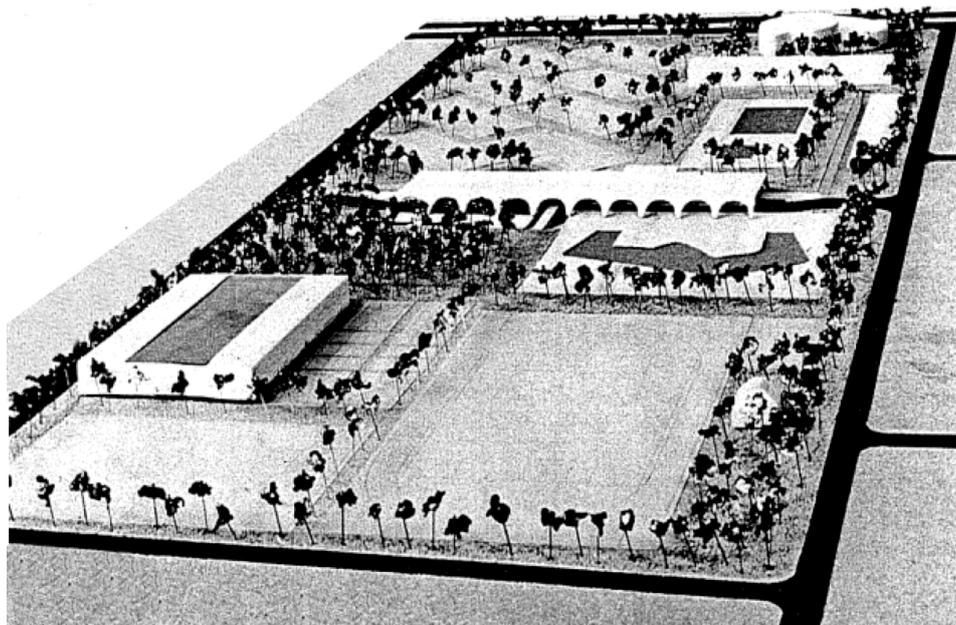


Figura 6: Proposta para o Esporte Clube Pinheiros. Fonte: VASCONCELLOS, 2012.

Vale destacar que Saraiva, que dialogou num primeiro momento com os edifícios ministeriais, passa a relacionar-se com a volumetria dos palácios brasilienses. Apesar da ESAF carregar elementos versados em outras origens, é notável que prismas horizontalizados e emoldurados por pilares escultóricos também são recorrentes na arquitetura inaugural de Oscar Niemeyer para a capital brasiliense, ainda que sob feição do revestimento de pedra branca em detrimento do concreto aparente. Deve-se, outrossim, atentar para certas semelhanças entre o projeto de Artigas e Cascaldi para o prédio da FAUUSP (1962) e a ESAF, entre outros, na diferenciação entre a estrutura periférica e interior; aspecto, aliás, presente nos projetos de Niemeyer.

O Edifício Sede do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia

O último projeto construído com a participação de Pedro Paulo de Melo Saraiva em Brasília ocorre anos após a redemocratização (1985) e o reconhecimento da cidade como Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO (1987), datas que marcam tanto a terceira fase da capital nacional (XAVIER; KATINSKY, 2012), quanto da obra de Oscar Niemeyer (KATINSKY, 1991). Junto à Saraiva, como de praxe, uma ampla equipe participou da elaboração da proposta para o concurso de 1999: Pedro de Melo Saraiva, Fernando de Magalhães Mendonça, Ricardo Kinai, Claudio Thomas Reuss, Noemi Yassue Kaio e Gustavo Cedroni. O projeto resultante concilia uma revisão do portfólio do escritório PPMS com certo grau de experimentação.

A referida “terceira fase” da cidade de Brasília a insere num contexto de globalização da economia e da informação (MATTELART, 1998, p.29), sem que esta prescindia de sua função de representação nacional. As novas demandas societárias são percebidas e atendidas pelos arquitetos, num pacto entre a herança da arquitetura moderna

brasileira com as tecnologias e materiais contemporâneos. A ênfase na exploração plástica de elementos estruturais em concreto armado é substituída pelo seu uso mais comedido, inclusive, em associação com elementos estruturais em aço, como os tirantes e a cobertura, em prol de um resultado menos retórico.

Um exemplar precoce e contundente deste direcionamento, o projeto submetido por Saraiva e equipe ao concurso para o Pavilhão Brasileiro na Expo de Sevilha (1992), associa estrutura metálica a seções esbeltas de concreto, grandes balanços, com linhas curvas e transparência imperativa.

Este direcionamento não significa que a prática consolidada seja desperdiçada nos novos projetos; pelo contrário, observa-se uma conciliação entre o experimental e o conhecido, numa associação de sistemas construtivos e intenções revisitadas, talvez até com complexidade inédita. Mantém-se elementos como a planta livre, a volumetria legível e simples, a atenção ao conforto, a inserção no entorno, com ajustes no que concerne à expressão tectônica e à atenção à escala do usuário.

Após participações na Expo de Sevilha e em outros concursos internacionais, o concurso para o Edifício Sede do Confea em Brasília encerra o portfólio de Saraiva na capital, com feição atualizada e vigor semelhante ao de seu início. Das questões que levaram à execução da proposta, originalmente a segunda colocada, destaca-se a difícil flexibilização da planta triangular da proposta vencedora (VELOSO FILHO, 2014, p.29).

No cerne do projeto, a planta livre buscada durante toda sua carreira se concretiza com excelência: Saraiva e equipe efetivam pavimentos-tipo de 787,5 metros quadrados sem interrupções para distribuição de postos de trabalho, salas de reuniões, banheiros e, no térreo, recepção e auditório. A circulação vertical é pronunciadamente afastada

Figura 7: Edifício Sede do Confea. Fonte: Arquivo PPMS.



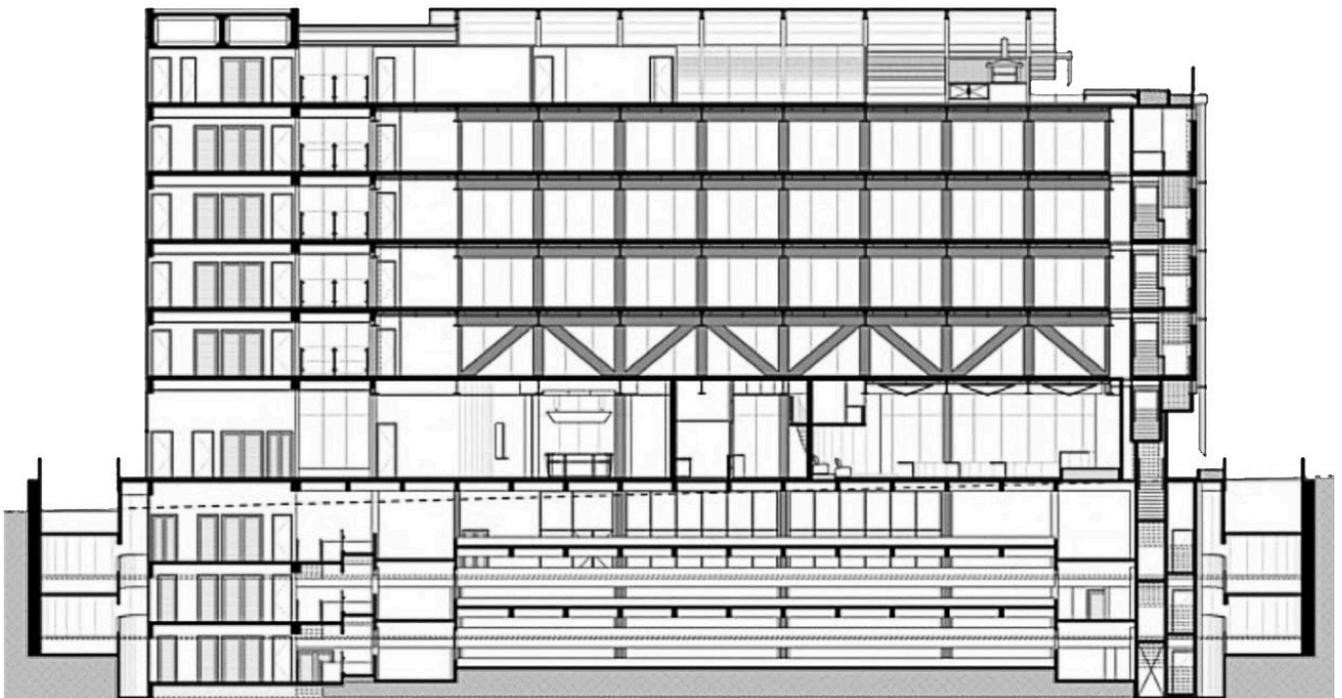
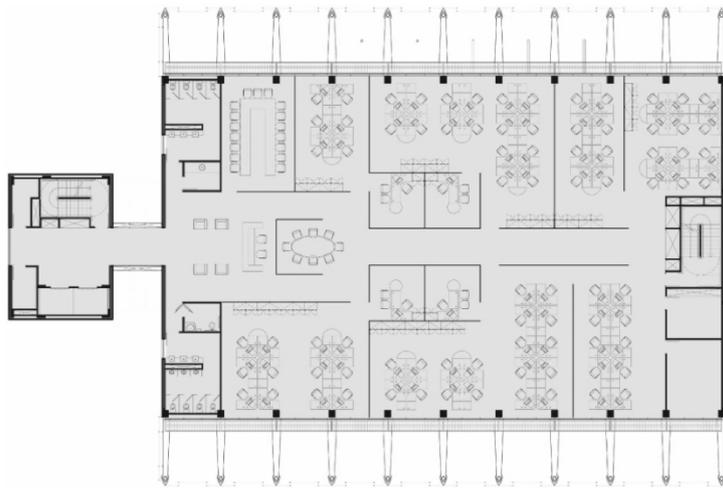
do edifício em bloco verticalizado, em solução análoga à das prumadas de escadas de emergência adaptadas ao prédio da CNI.

A composição, simples e efetiva também em volumetria, é alcançada com um dos mais complexos sistemas estruturantes elaborados pelo arquiteto. Ainda assim, neste caso os esforços que outrora poderiam estar concentrados em estruturas expressivas se diluem em estruturas discretas e esbeltas, de apenas aparente convencionalidade, em que se destaca a associação sistemática e inteligível de materiais e sistemas estruturais.

As vigas longitudinais da estrutura são de concreto (treliçados no primeiro pavimento), assim como os pilares, que são periféricos em toda a torre. As vigas transversais são mescladas entre concreto e metal para que seja viabilizado vão livre de 22,5 metros.

Figura 8: Planta de pavimento-tipo do Edifício Sede do Confea. Fonte: Arquivo PPMS.

Figura 9: Corte longitudinal do Edifício Sede do Confea. Fonte: Arquivo PPMS.



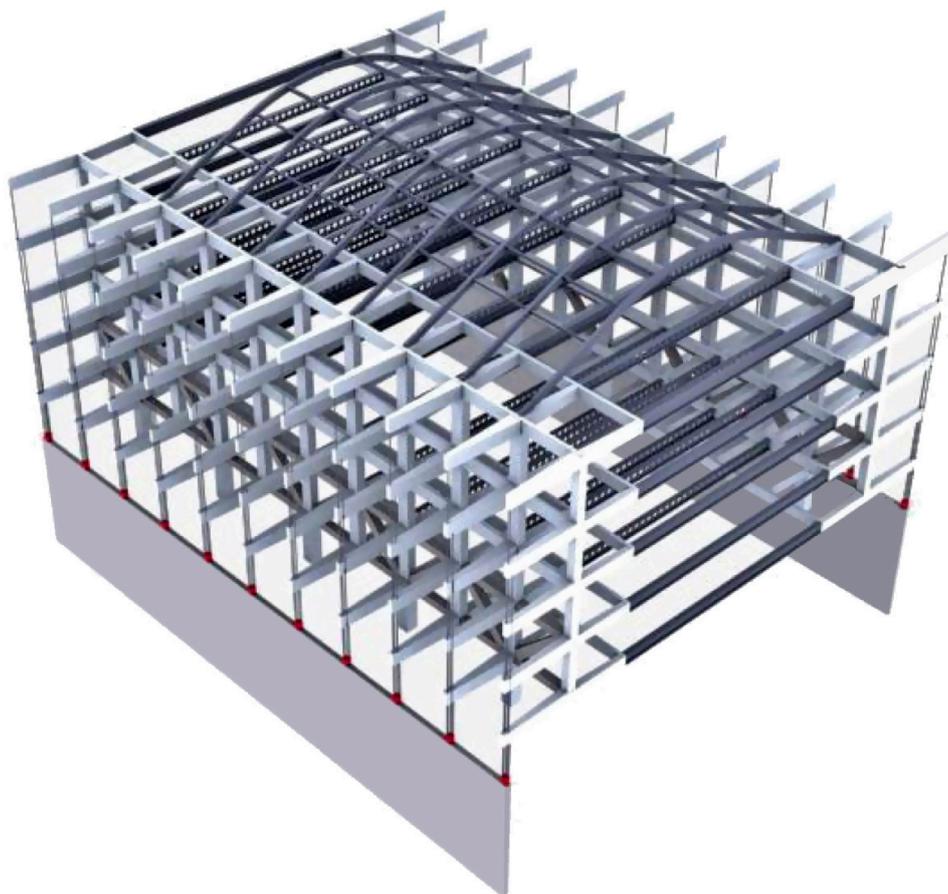


Figura 10: Modelo tridimensional de estruturas do Edifício Sede do Confea. Fonte: Arquivo PPMS.

Para a cobertura do edifício, são utilizadas vigas metálicas arquejadas que proveem salão de usos recreativos. Ocupando área inferior à do pavimento tipo, descarregam seus esforços nos eixos de pilares das fachadas leste e oeste.

De maneira semelhante aos edifícios ministeriais, a implantação do Edifício Sede do Confea na Asa Norte delega às fachadas principais leste e oeste a responsabilidade do tratamento da insolação como peça-chave na composição do projeto. Neste caso, o elemento utilizado é uma membrana têxtil com comportamento distinto entre o dia e a noite, portando-se opaca enquanto o sol incide diretamente, e transparecendo as luzes do edifício durante a noite. A membrana, bem como o atirantamento metálico, distam 3,75 metros das esquadrias, participando da constituição volumétrica do edifício, como ocorre no edifício da CNI.

Implantado na via W3-N, o edifício representa a literal transição entre um grande eixo de comércio e serviços e as superquadras. Por sua inserção urbana e característica função de atendimento ao público, o pavimento térreo é permeável, permite sua transposição e oferece acessibilidade ao edifício pelas duas vias.

Algumas das estratégias que marcam o partido estrutural do Edifício Sede do Confea possuem paralelos com o Edifício Capitânia (1973), o Edifício ACAL (1974) e a proposta para o Pavilhão Brasileiro na Expo de Sevilha (1992).

No projeto de 1973, a estruturação da torre de escritórios ocorre por meio da centralização da circulação vertical, aliada à disposição dos pilares no perímetro da planta; pilares estes que descarregam em portentosas vigas de transição. Esta alternativa, apesar de não proporcionar planta completamente livre, permite que a circulação comum não obstrua a expansão modular dos quatro escritórios potenciais de cada pavimento. De maneira semelhante à Sede do Confea, vigas de transição garantem a existência de menor número de pilares nos pavimentos de acesso ao público e nos pavimentos inferiores.

Já no Edifício ACAL, Saraiva se utiliza de exoesqueleto treliçado de concreto (MENDONÇA, 2006). Esta solução é utilizada por Saraiva em outros momentos, inclusive para efetivação de volumetrias horizontalizadas, como no edifício da Prodesp (1975), e até mesmo em mescla com outros sistemas estruturais. No ACAL, esta solução confere ao edifício semelhante flexibilidade de layout e planta livre, apenas pontuado por eixo de circulação vertical centralizado.

O Edifício Sede do Confea enfatiza a constante busca pela planta livre nos edifícios projetados por Saraiva, bem como a conseqüente reinvenção metodológica adotada para a sua obtenção. O projeto, cujas características de materialidade e dimensionamento foram adiantadas, se apresenta emblemático pela superação da utilização monocrática do concreto, sem se desvencilhar de atributos como a volumetria elementar, planta livre, e utilização de balanços pronunciados.

Décadas depois destes experimentos, o Edifício Sede do Confea é tido pelo arquiteto como portador de sua “planta ideal” (ESPALLARGAS GIMENEZ, 2016, p.92), e na viabilização deste feito se destaca a maneira com que princípios conhecidos foram metodologicamente atualizados, vide que lições remetidas aos três projetos, e que a rigor remontam ao edifício 5ª Avenida, aqui se encontram associadas de maneira bastante concisa e especializada.

Dos projetos que, com Saraiva, compartilham a primeira década do milênio na capital marcadamente “moderna, modernista ou [que] quis ser moderna como pôde” (ROSSETTI, 2012, p.147), destacam-se duas propostas também viabilizadas através de concurso de projeto. A primeira, o Edifício Sede do SEBRAE (2008), do Grupo SP com coautoria de Luciano Margotto, e a Fundação Habitacional do Exército (2009), do escritório MGS e associados.

O SEBRAE, com programa caracteristicamente acessível à urbe e de expressiva permeabilidade visual, é implantado em um conjunto de blocos periféricos, pátio central com cobertura metálica e passarelas atirantadas. O edifício, de múltiplos pavimentos, tem como característica análoga ao projeto de Saraiva a profusa associação de materiais e tecnologias: as fachadas intercalam a opacidade do concreto aparente com as aberturas das passarelas laterais, o vidro das esquadrias e os *brises* da fachada principal. Além disso, é notável a utilização de vigas treliçadas metálicas longitudinais no primeiro pavimento dos dois blocos, viabilizando livre ocupação em planta dos pavimentos superiores.

Já na Fundação Habitacional do Exército, o edifício externamente exprimido com volumetria elementar distribui seus usos a partir de semelhante pátio central,

aqui coberto. Horizontalizado, o projeto é moderadamente análogo à pesquisa contemporânea de Saraiva, na sua mescla de materialidades e pronunciamento estético do *brise*. Ainda assim, a conjugação de concreto, metal, vidro e quebra-sol marca movimentação coerente entre os agentes de produção arquitetônica contemporânea brasiliense; a pesquisa, que pode até ser associada com uma tendência internacional, é prontamente assumida por Saraiva, que mesmo com carreira consolidada, busca conciliar conhecimento consubstanciado com o que há de experimental e atual (PALAZZO; PEIXOTO, 2013).

Finalmente, no Edifício Sede do Confea, e nos projetos referidos, destaca-se a necessária guinada por uma arquitetura de dimensões apropriadas à cidade real, fomentada pela crítica contemporânea ao monumento e à cidade monumental, mas presente no trabalho de Saraiva desde quando projetava para *campi* universitários; de fato, na sorte de edifícios públicos considerada, revela-se essencial a recuperação da escala humana, do entorno, do cidadão comum e de seu espaço de convivência e trabalho.

Conclusão

Um conceito que permeia a produção arquitetônica de Pedro Paulo de Melo Saraiva nestes três momentos em Brasília é aqui interpretado como “conciliação”. A construção conjunta de uma arquitetura exemplificada através de três edifícios pode formar retratos de diferentes relações entre arquiteto, *locus*, estado da arte e regulação territorial. Sendo assim, a mesma atenção prestada aos edifícios de Saraiva foi desprendida aos respectivos processos de concepção e ao contexto, buscando localizar e referenciar esta arquitetura em meio às diversas arquiteturas produzidas simultaneamente.

No primeiro momento, em 1962, o projeto da Sede da Confederação Nacional da Indústria apresentou aos jovens arquitetos a feição primordial e de maior restrição estética da Nova Capital; vizinho da Esplanada dos Ministérios e regido por Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e as normativas da Novacap, Saraiva e Paulo Mendes da Rocha obedecem critérios de implantação e volumetria pré-estabelecidos, mas incorporam ao projeto um vocabulário que, possuindo raízes na arquitetura moderna brasileira antecedente, se desenvolve proeminentemente em São Paulo, no que concerne à solução estrutural, à resolução de planta de escritórios e à circulação vertical. O *brise-soleil*, elemento utilizado outrora pelo próprio Niemeyer e incompatível no diálogo entre solução projetual e normativas, foi incorporado aos edifícios ministeriais, marcando simbólico *quid pro quo* entre alegoria e espaço real. Assim, o Edifício Sede da CNI reside no limite entre o exclusivamente público, de rigor monumental e persistente da Esplanada dos Ministérios, e o multifacetado e metropolitano edifício corporativo dos grandes centros.

No segundo momento, já na década de 1970, a contenção estética é substituída por uma restrição ideológica; trazida com a ditadura civil-militar, ela impacta os projetos de caráter institucional e educacional. Universidades como a USP e a própria UnB sofrem com a repressão, vivida em ambos os casos por Saraiva, mas menos presente quando projeta a Escola de Administração Fazendária para este mesmo Estado intervencionista e repressor. O favoritismo da instituição de formação fazendária em detrimento das instituições públicas de ensino superior é evidente até mesmo pelo seu tempo

de construção: apenas quatorze meses. Introvertida na concepção, a urbanidade e programática institucional disponibilizada a Saraiva e equipe na ESAF se continham envoltas em terreno cercado e de acesso controlado; os arquitetos propõem implantação em campus de bloco principal e apoios, compondo uma pequena urbe voltada a seu público interno, onde as vias de veículos se rebaixam aos pedestres, e conflitos de fluxo são resolvidos de maneira exemplar; subverte-se, no lote restrito, a importância do veículo automotor que continua vigorando na cidade tão marcada por ele.

Por fim, a feição brasiliense mais contemporânea e irrestrita evoca de Saraiva a figura de um arquiteto que, mesmo com carreira consolidada, se volta às novas estéticas e tecnologias em busca de aprimoramento de seus métodos e espaços concebidos. Desta vez, arquiteto e equipe atuam em lote de características menos excepcionais. No que diz respeito à implantação, Saraiva e equipe ainda tratam esta urbanidade de maneira diferente de seus vizinhos da Asa Norte; entre via de comércio e serviços e superquadras; efetiva-se edifício com total permeabilidade para passagem de pedestres, prescindindo de estacionamento em pavimento térreo, mas ocupando o térreo em detrimento do um tanto óbvio e batido *piloti*; aproximando de modo refinado a arquitetura à cidade e ao cidadão.

Além disso, o projeto marca uma revisão particular nas maneiras de se pensar e expressar a arquitetura de Saraiva; arquiteto e equipe idealizam a Sede do Confea a partir de conceitos previamente elaborados e conhecidos, mas viabilizados a partir de métodos, materiais e estruturas renovadas: a máxima modernista da planta livre se associa ao concreto, metal, tirante e quebra-sol para se tornar “ideal”.

No que diz respeito à dimensão autoral, Saraiva expressa sua arquitetura de maneira menos retórica: não mais expõe seus elementos estruturais como atributos de maior destaque dos seus projetos, mas sim, atribui aos mesmos alto grau de inteligibilidade, servindo como pano de fundo para o alcance de espaços flexíveis e de qualidade para a ocupação. Estruturas outrora expostas em primeiro plano revelam-se apenas aos olhares mais atentos, e sua percepção não lhes é mais imposta ao usuário, que do edifício extrai apenas sua funcionalidade, rotina ou parte do trajeto cotidiano, porém, altamente qualificados.

É possível observar que a atribuída característica da experimentação como marca profissional de Saraiva é constante nos seus projetos em Brasília, e apesar de existirem algumas permanências, como a engenhosidade estrutural, o aprimoramento da planta livre, atenção ao conforto ambiental e à inserção urbana, superam-se as técnicas e materialidades através de um embate entre método, experiência, prática e contexto, na concepção de novos projetos.

Seja no diálogo com a construção e crescimento de Brasília e com a arquitetura representativa que se justapõe à sua arquitetura monumental, seja no âmbito da arquitetura moderna brasileira, suas relações com o Estado e sua historiografia, e mesmo na inserção na obra de Pedro Paulo de Melo Saraiva – dimensões e trajetórias paralelas que revelam em seu conjunto a sociedade e a modernização brasileiras –, os edifícios aqui considerados revelam atributos de que Brasília e a metrópole contemporânea mais necessitam: representar aquilo que é público e democrático.

Referências bibliográficas

- ALVES, A. B. C. G. *Incêndio em Edificações: a questão do escape em prédios altos em Brasília (DF)*. 2005. *Dissertação* (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- ALVIM, A. T. B.; ABASCAL, E. H. S.; ABRUNHOSA, E. C. (org.). *Arquitetura Mackenzie 100 Anos. FAU-Mackenzie 70 Anos: Pioneirismo e Atualidade*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017.
- CAVALCANTE, N. *Ceplan: 50 anos em 5 tempos*. 2015. *Tese* (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- CORBISIER, R. Brasília e o desenvolvimento nacional. In: XAVIER, A.; KATINSKY, J. (org.). *Brasília: Antologia Crítica*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 72-78.
- CURTIS, W. J. R. *Arquitetura moderna desde 1900*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- ESPALLARGAS GIMENEZ, L. *Pedro Paulo de Melo Saraiva: Arquiteto*. São Paulo: Romano Guerra, 2016.
- FICHER, S.; SCHLEE, A. *Guia de Obras de Oscar Niemeyer: Brasília 50 anos*. Brasília: Instituto dos Arquitetos do Brasil: Câmara dos Deputados, 2010.
- FRAMPTON, K. *História crítica da arquitetura moderna*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GERKEN, F. de S. *Perfis tubulares: aspectos arquitetônicos e estruturais*. 2003. *Dissertação* (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2003.
- GOMES, D. C. da S. *Espaço e ensino de arquitetura no Brasil e Portugal: um edifício para o curso de arquitetura de Santos*. 2017. *Dissertação* (Mestrado Integrado em Arquitetura) - Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017.
- KATINSKY, J. R. *Brasília em três tempos: a arquitetura de Oscar Niemeyer na capital*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- MALRAUX, A. Brasília, capital da esperança. In: XAVIER, A.; KATINSKY, J. (org.). *Brasília: Antologia Crítica*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 53-57.
- MATTELART, A. *La mundialización de la comunicación*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1998.
- MENDONÇA, F. M. *Pedro Paulo de Melo Saraiva: 50 anos de arquitetura*. 2006. *Dissertação* (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.
- PALAZZO, P. P.; PEIXOTO, E. R. Repertórios da Arquitetura Recente em Brasília. In: X Seminário Docomomo Brasil, 2013, Curitiba. *Anais [...]*, Curitiba: PUCPR, 2013.
- ROBINSON, J. H.; FOELL, J. H. *Growth, efficiency and modernism*. 1ª ed. Washington, D.C.: U.S. General Services Administration, 2003.
- ROSSETTI, E. P. *Arquiteturas de Brasília*. 1ª ed. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012. 10 v.
- SARAIVA, P. P. M, et al. Depoimentos sobre Oscar Niemeyer. *Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, ed.226, 2012. Disponível em: <<http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/226/artigo275981-1.aspx>>. Acesso em: jan. 2018.
- SANTOS, M. Brasília e o subdesenvolvimento brasileiro. In: XAVIER, A.; KATINSKY, J. (org.). *Brasília: Antologia Crítica*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 125-135.
- SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil: 1900 – 1990*. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2010.
- SERAPIÃO, F. Pedra Grande, um marco oculto na cidade. *Projeto Design*, São Paulo, n.303, p.94, mai. 2005.

SCULLY JR. V. *Arquitetura moderna: a arquitetura da democracia*. 1ª ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VASCONCELLOS, G. A. S. F. *A arquitetura de Pedro Paulo de Melo Saraiva: 1954 a 1975 e o edifício 5ª Avenida*. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2012.

VELOSO FILHO, R. N. *Arquitetos Paulistas e os Concursos Nacionais de Arquitetura de 1990 a 2010*. 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

WEDDIGEN, T. *Die Moderne in Brasilien*. Zürich: Kunsthistorisches Institut, 2013.

XAVIER, A.; KATINSKY, J. (org.). *Brasília: Antologia Crítica*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Recebido [Jan. 24, 2022]

Aprovado [Mai. 24, 2022]